

GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: UM DEBATE NECESSÁRIO NO AMBIENTE ESCOLAR

Luana Nery Fonseca ¹

RESUMO

O presente artigo é resultado de uma mesa redonda realizada na Universidade do Estado do Pará, discutindo a temática de Diversidade de gênero. Mediante essa abordagem, surgiu o interesse de realização desse estudo, constituindo-se na elaboração de um artigo intitulado “Gênero e Diversidade Sexual: um debate necessário no ambiente escolar”, tendo como questão problema perceber de que forma o gênero e a diversidade sexual estão presentes na educação escolar e objetivando (re)conhecer a importância da temática gênero e diversidade sexual no ambiente escolar. Para a sua elaboração, metodologicamente a mesma ocorreu por meio de levantamentos bibliográficos de autores como SCOTT (1995), BUTLER (2003), LOURO (1997) e entre outros na construção do artigo, e estruturando-se em dois tópicos para propiciar uma maior análise, na qual intitula-se na primeira “Gênero: uma construção histórica”, realizando-se uma discussão em torno do gênero e sua construção histórico social, já no segundo “A Diversidade Sexual” pontuando sobre a diversidade sexual para sua maior compreensão e posteriormente tem-se uma discussão em torno do gênero e a diversidade sexual com ênfase no ambiente escolar. Desta maneira, pode-se constar a importância de desenvolver abordagens de assuntos acerca do gênero e diversidade sexual no espaço escolar, como mecanismo de desenvolver igualdade e direitos e assim, reconhecer o diverso para além de um olhar binário de polarização entre homens, mulheres e heterossexual, homossexual.

Palavras-chave: Gênero, Diversidade Sexual, Ambiente Escolar.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de uma mesa redonda que desenvolveu a discussão da temática de Diversidade de gênero, realizada na Semana Acadêmica do Campus X, UEPA Igarapé-Açu/PA. Mediante essa abordagem, surgiu o interesse para realização desse estudo, visto que é um assunto importante e de grande relevância a ser pontuado na escola, fomentando assim, grandes contribuições na desconstrução de noções de gênero e diversidade sexual, na qual contribuiu para a elaboração do artigo em questão, intitulado “Gênero e Diversidade Sexual: um debate necessário no ambiente escolar”, tendo como enfoque discutir sobre essas diversidades de gênero e sexual com um olhar para a educação.

Mediante isto, é importante ampliar a discussão em torno das disparidades existentes nas relações de gênero e sua construção história que permeiam a sociedade, na qual em

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Pará-PA, luananerys3@hotmail.com

muitos momentos reforçaram nas desigualdades em função do sexo, principalmente a tendência à identidade heterossexual como dominante entre as demais formas de representar sua sexualidade, seja por meio de discursos e símbolos legitimados em várias esferas sociais que precisam emergir nos debates na educação.

Diante disto, tem-se como questão problema, perceber de que forma o gênero e a diversidade sexual estão presentes na educação escolar, e por meio disso, visualizar a importância dessa temática frente às desigualdades de gênero, na promoção do direito a várias formas de expressão da sexualidade.

Deste modo, esse estudo tem por objetivo (re)conhecer a importância da temática gênero e diversidade sexual no ambiente escolar, sua inclusão por meio de políticas educacionais que represente as pluralidades, para assim, ser possível promover estudos e discussões que evidenciem essa representatividade, com direitos sociais à diferença.

Para desenvolver metodologicamente o estudo, foi utilizado na elaboração da pesquisa levantamentos bibliográficos, para maior embasamento teórico de autores que contribuíram para a elaboração do artigo, como SCOTT (1995), BUTLER (2003), LOURO (1997), DINIS (2008), BOURDIEU (1999) e entre outros, para assim, ter subsídios da temática proposta.

A estrutura do artigo consiste na elaboração de tópicos, para desencadear um maior entendimento da temática a ser desenvolvida. Dessa forma, no primeiro tópico se intitula “Gênero: uma construção histórica” sendo realizado uma breve discussão em torno do gênero e sua construção histórico social. Enquanto que, no segundo sobre “A Diversidade Sexual” será discorrido sobre a diversidade sexual para uma maior compreensão e posteriormente desenvolvido uma discussão relacionando gênero e a diversidade sexual no ambiente escolar, analisando sua importância nesse espaço.

Deste modo, constatou-se que se faz necessário discutir gênero e diversidade sexual no ambiente escolar, para desenvolver formas de combater as desigualdades que foram desencadeadas por um processo histórico e reconhecer o diverso para além de um olhar binário de polarização entre homens, mulheres e heterossexual, homossexual, que mesmo entre essas binaridades, existem formas diversas de identidades pessoais, nas quais precisam ser respeitados e reconhecidos os seus direitos.

Assim, é imprescindível ampliar debates na educação sobre gênero e diversidade sexual, pois somente com abordagens nesses enfoques, será desenvolvido outras formas de pensar a diversidade que represente os sujeitos e promova o respeito, ao pensar em estratégias nas políticas educacionais e a contribuição de uma formação escolar cidadã de forma igualitária.

METODOLOGIA

Metodologicamente para a elaboração do artigo, foi utilizada a pesquisa bibliográfica de autores que discutiam a temática abordada, para assim, dar base teórica por meio da consistência de autores e propiciar um aprofundamento no assunto, contribuindo para a temática e análise da discussão proposta e por meio disso, enriquecer o debate na pesquisa. Desta maneira “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2002, p. 45).

Por meio disto, a pesquisa bibliográfica ocorreu no período de dois meses, para a compreensão de autores e livros que discutiam a temática. Desencadeando assim, em um diálogo com os mesmos e suas contribuições para analisar o processo de gênero, diversidade sexual e suas abordagens com ênfase educacional.

GÊNERO: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

O conceito de gênero vai além da perspectiva naturalista de distinções biológicas, na qual reforçou historicamente na sociedade as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres. Desta forma, o gênero “indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como "sexo" ou "diferença sexual", que está implicado fundamentalmente em distinções sociais que reforçavam tais diferenças. (SCOTT, 1995, p. 72)

Nesta perspectiva, é necessário elencar que o gênero está ligado ao modo como a pessoa se identifica, sendo capaz de ser construído e desconstruído socialmente. Segunda a autora anteriormente citada, o gênero é um elemento que está inserido nas relações sociais fundadas nas diferenças percebidas socialmente e que reforçam as relações de poder.

Em meio a isto, o conceito de gênero surge mediante a necessidade de desconstrução de uma visão binária dos sexos, despertando assim, a possibilidade de ver e perceber a inclusão de diferentes modos de feminilidades e masculinidades que se fazem presentes na sociedade, sendo vistos como desviante de um padrão estabelecido e reconhecidos como normal.

No seio dessa construção, o modo na qual o gênero determinou as diferenças entre homens e mulheres, reforçou em uma desigualdade nas relações concebidas socialmente em função do seu sexo, sendo a mulher, um sexo frágil e de submissão, frente ao homem. Contudo, como se pode afirmar que mulheres são sensíveis e frágeis?

Mediante esses fatores, “Gênero, portanto, remete a construções sociais, históricas, culturais e políticas que dizem respeito a disputas materiais e simbólicas” (BRASIL, 2007, p. 16), e define assim, identidades, distinções de papéis e funções sociais que proporcionaram em disparidades entre esses sujeitos e permeiam a sociedade.

Para Guacira Louro (1997) o gênero ainda terá como foco a análise sobre a mulher, mas estarão também se referindo de forma muito mais explícita sobre os homens, buscando contextualizar o que se afirma entre os homens, e evitar afirmações sobre o homem e a mulher. Nessa perspectiva:

“[...] O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem”. (LOURO, 1997, p. 23).

Assim, a questão de gênero ganha maior proporção no Brasil com os movimentos Feministas da década de 70. Em meio a essas atuações, começa a ser utilizado o termo gênero para se discutir as inquietações das mulheres. Mulheres essas que partem de uma construção social, que de acordo com Simone de Beauvoir (1967, p. 9), ninguém nasce mulher: torna-se mulher.

Em relação a disparidades legitimadas em torno do homem e da mulher, haverá uma ordem social funcionando como uma máquina simbólica que ratifica a dominação masculina (BOURDIEU, 1999). Nesse sentido, a dominação masculina será reforçada simbolicamente como mecanismo para sua manutenção e em detrimento disso, o questionamento de sexo-gênero tornam-se importantes para desmitificar noções históricas, políticas e sociais que servem como elemento para legitimar a heteronormatividade.

Dessa maneira, o gênero é um elemento importante ao se pensar como um instrumento analítico e político na esfera social. Por meio de uma maior profundidade de compreensão em torno do gênero e da reafirmação da heteronormatividade, passou-se a perceber a necessidade de serem adotadas políticas específicas em contraste a esse mecanismo histórico da dominação masculina, seja ela na saúde, escola e no trabalho.

Mediante isto, vê-se a necessidade de estimular estudos e debates voltados a esse fator histórico em torno do gênero, na qual promoveu grandes desigualdades sociais, permeando a construção de uma padronização do ser homem e mulher, com mecanismos e discursos para reafirma a heteronormatividade como uma imagem social a ser legítima enquanto identidade dominante, em meio a outras formas de representação.

A DIVERSIDADE SEXUAL

Nas discussões envolvendo as relações de gênero, não diminuem a importância de se pensar nas regulações sociais de sexualidade. Decorrendo a construção dos gêneros e nas relações estabelecidas em meio a isso, é muito presente a relação de inunção da heteronormatividade, com os mecanismos de controle e poder nos discursos referentes ao gênero e sexualidade.

Para Jurith Butler (2003) uma ordem compulsória de gênero/sexo, a regulação normalizadora na construção de identidades de sexo e de gênero está articulado a sistemas de produções de crenças naturalizantes, associadas de modo binário, as diferentes maneiras de expressão do desejo sexual e de suas identidades. Dessa maneira:

O gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual "a natureza sexuada" ou "um sexo natural" é produzido e estabelecido como "pré-discursivo", anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual a cultura. (BUTLER, 2003, p. 25)

Partindo desta análise, a construção do gênero está imbricada em uma construção social reforçada na binaridade que se reflete na sexualidade dos corpos sexuados dos sujeitos. No entanto, o sexo não faz parte somente de uma construção, seja ela cultural ou social, mas também de uma ação natural afetiva na qual, sofre de concepções por meio da propagação binária entre os sexos.

Relacionando a orientação sexual, ela se encontra presente por meio da afetividade humana das pessoas não havendo interferência no seu sexo biológico. Desta maneira, a sua afetividade e desejo afetivo pode ter como único ou principal objeto pessoas do sexo oposto, sendo heterossexual e pessoas do mesmo sexo, ou seja, homossexuais, ou de ambos os sexos que se representam como bissexuais e entre outras terminologias que surgem em prol de representar as particularidades dos sujeitos. Diante disso, todas elas são plurais e se expressam e representam-se de variadas formas.

Em consonância a isto, é necessário ser reconhecido e respeitado a orientação sexual dos sujeitos de acordo com as diferenças, modos de representarem e expressarem sua afetividade. Dessa forma, a orientação sexual é:

[...] um conceito que, ao englobar e reconhecer como legítimo um extremamente diversificado conjunto de manifestações, sentimentos e práticas sociais, sexuais e afetivas, desestabiliza concepções reificantes, heterocêntricas, naturalizantes e medicalizadas (que insistem em falar de homossexualismo). (BRASIL, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade p. 17)

Para além disto, o termo orientação sexual aparece para substituir a opção sexual, pois o desejo sexual do indivíduo não é uma escolha ou opção, mas resultado de um profundo

processo extremamente complexo de constituição, na qual cada indivíduo é direcionado a lidar com infinitos fatores sociais, vivenciando e alterando representações e significados, de acordo com sua trajetória e inserção social.

Os corpos, desejos, sentimentos e os comportamentos não são convergentes, pois estes podem também não corresponder às expectativas concebidas pela sociedade como certo ou como natural, na medida em que transpasse o modelo de homem e mulher e como representar a sua sexualidade, pois:

Um homem pode se sentir “masculino” e desejar outro homem. Uma mulher pode se sentir “feminina” e desejar outra mulher. Alguém que nasceu com atributos corporais masculinos e foi educado para “atuar como homem” pode se sentir “feminino” (ou vice-versa), a ponto de querer modificar seu corpo. (BRASIL, Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos 2009, p. 114)

Nesta perspectiva, a sexualidade envolve um processo complexo e contínuo de perceber quem somos, desdobrando em condições históricas, políticas e sociais que envolvem os indivíduos, influenciando-os na construção e identidades sexuais de acordo com as identidades coletivas impostas.

De acordo com Michel Foucault (1992), embora seja possível encontrar pela história antiga relações sexuais afetivas com pessoas do mesmo sexo, foi somente no século XIX utilizado o termo homossexualidade para se referir a uma identidade sexual a ser vigiada e controlada. Nesse momento, encontram-se mecanismos de poder sobre os corpos, por meio de discursos e símbolos que reafirmavam e controlavam a sexualidade.

Dentro desse parâmetro, as formas de pensar, ser e agir são complexas e diferenciadas em cada pessoa. Mediante isso, é importante a percepção e atuação da diversidade sexual na sociedade e suas formas de representatividade, para possibilitar a ampliação nos modos de perceber as relações sociais que se constituem.

A diversidade, portanto, é um fator plural presente nas relações sociais e culturais e se refletem em suas esferas. Pensar nas diversidades é trazer à tona uma discussão em torno das diferenças que constituem as relações, na medida em que são concebidas coletivamente como diferentes de outros, de acordo com seu modo de expressar-se.

Neste sentido, pensar em uma identidade como única e legítima é reafirmar diferenças, essas “afirmações sobre diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre a identidade” (SILVA, 2003, p. 75). Portanto, pensar nas diferenças é perceber que elas estão presentes na sociedade ao momento que identidades são socialmente aceitas e legitimadas entre as demais formas de expressar as diversidades por serem percebidas como diferentes naquele contexto social e cultural.

É preciso desta forma, encontrar meios de desconstruir o conjunto de mecanismos que atuam no combate a polarização entre homens e mulheres, heterossexuais e homossexuais, baseados em pressupostos binários, crenças cristalizadas, naturalizadas e desigualdades sociais que são (re)produzidas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A dimensão do ambiente escolar é marcada por diversidades e pluralidades, seja elas no modo de pensar, ser e agir. Nesse sentido, a escola está incumbida o papel de desenvolver o respeito às diferenças e estimular os direitos com sua importante dimensão de promoção à construção da cidadania entre os sujeitos.

Desta forma, a instituição escolar é parte integrante da sociedade, a qual reproduz mecanismos de desigualdade entre homens/mulheres; brancos/negros; heterossexuais/homossexuais e outras formas plurais de identidades dos sujeitos. Mas a escola pode e deve atuar no combate às desigualdades, na medida que tem o objetivo de promover uma educação de qualidade a seus alunos de forma crítica e cidadã.

Nessa perspectiva, as políticas educacionais precisam levar em consideração a função social da escola em contribuir na construção de masculinidades e feminilidades em contraposição ao modelo heteronormativo, branco e de classe média, possibilitando também discussões acerca das disparidades entre homens/mulheres e o respeito às diversidades sexuais.

Nesse sentido, não podem ser ignorados os efeitos que os processos de construção de identidades femininas, masculinas, heterossexual, homossexual ou bissexual produziram e produzem sobre a permanência escolar, o rendimento nesse espaço e a qualidade de interação em momentos de socialização entre os sujeitos pertencentes à escola e suas trajetórias profissionais e educacionais (BRASIL, 2007).

Recorrente a educação, é essencial implementações de políticas educacionais desenvolvendo temáticas de gênero com suas evidencias históricas, atuais e a diversidade sexual para contemplar assim, as diversidades e promover o direito a diferença. Nesse sentido:

A perspectiva adotada pela Secad/MEC, segundo a qual os temas gênero, identidade de gênero e orientação sexual devem ser considerados pela política educacional como uma questão de direitos humanos, repercute nas estratégias escolhidas e no desenho das ações. Nesse sentido, a Secretaria reconhece a legitimidade de múltiplas e dinâmicas formas de expressão de identidades, práticas sociais e formas de saber até agora estigmatizadas em função da lógica heteronormativa. (BRASIL, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 35)

Além disto, a realização de ações que abordem tais assuntos promove oportunidades didático-pedagógicas, voltadas a garantir igualdade de oportunidades e direitos independente

sua identidade de gênero e orientação sexual, no qual se fazem imersos nas relações estabelecidas também no ambiente escolar.

Mesmo com avanços, a abrangência de assuntos de gênero e orientação sexual, ainda são temas ausentes no tocante dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Contudo, é existente a necessidade de ressaltarem a sexualidade não como um tema transversal, na qual se tem pouca menção em específico do tema (DINIS, 2008). Desse modo, é desenvolvido a temática como temas transversais e na qual não envolvem as diversidades frente à sexualidade e sendo critério do professor/a sua interpretação do assunto.

No entanto, sabe-se da necessidade de estar incluindo debates e assuntos contemplando as diversidades presentes na sociedade, de forma a garantir e romper com formas naturais de ver as concepções de binaridades em torno do gênero e sexualidade.

Nas escolas, as relações de gênero também ganham pouca relevância entre educadores e educadoras, assim como no conteúdo dos cursos de formação docente. Ainda temos os olhos pouco treinados para ver as dimensões de gênero no dia-a-dia escolar, talvez pela dificuldade de trazer para o centro das reflexões não apenas as desigualdades entre os sexos, mas também os significados de gênero subjacentes a essas desigualdades e pouco contemplados pelas políticas públicas que ordenam o sistema educacional. (VIANNA e UMBEHAUM, 2004, p.79)

Nesse sentido, faz-se emergente assuntos que envolvam a diversidade sexual e de gênero no ambiente acadêmico, visto que é o espaço de formação dos profissionais, na qual irão intermediar conhecimentos na educação. É importante assim, em sua formação, que esse educador/a tenha preparação para visualizar a relevância de serem trabalhadas essas temáticas em sala de aula.

No espaço acadêmico o assunto diversidade sexual e de gênero só passará a ocorrer em meados da década de 70, por meio de pressões dos movimentos feministas e grupos gays e lésbicos que denunciaram a exclusão de suas representações em programas curriculares nas instituições escolares (DINIS, 2008). Em volta do cenário brasileiro, a temática gênero e diversidade sexual estiveram muito restrita nas áreas de Sociologia e Psicologia, sendo bastante sintomático a sua ausência, principalmente em estudos da educação.

A intersecção nas relações de gênero e educação ganhou maior visibilidade nas pesquisas educacionais nos anos de 1990, com grandes avanços de reivindicação que visavam à superação no âmbito do Estado e das políticas públicas, medidas de contra a discriminação da mulher. Mediante aos fatores de persistência da discriminação contra mulher na educação, poucos são as investigações abordando essa descriminalização de gênero nas políticas públicas e isso são reflexos visíveis nos livros didáticos e currículos, havendo assim uma limitação do acesso e permanência na escola (VIANNA e UMBEHAUM, 2004).

Ao que concerne à orientação sexual, mesmo com a inexistência de um arsenal de dados oficiais em torno da homofobia nas escolas brasileiras, não significa a inexistência de problemas, mas seu contrário ao momento que a homofobia institucional e produziu entre os formuladores de políticas públicas a indiferença ou sensibilidades aos estudantes que sofrem com descriminalização e violência (BRASIL, 2007), pois esses fatores não casos isolados do ambiente escolar.

Em consonância disto, pode-se visualizar a importância do gênero e a diversidade sexual ser discutido no ambiente escolar, incentivando pesquisas que abordem essa temática na academia científica. Sendo dessa forma, imprescindível educar e transformar esse espaço de socialização em uma importante ferramenta de inclusão, frente às diversidades na qual compõem a sociedade.

Neste sentido, as pesquisas que envolvem essa abordagem, possibilita a esses grupos expor suas realidades de acordo com seu olhar sobre as relações de desigualdades e intolerância na qual os rodeiam. É reconhecer também os fatores históricos e sociais que contribuíram e contribuem no processo de desigualdade.

Nesse processo de inclusão as diferenças, é primordial está em debate as múltiplas formas de ser diverso, mesmo sendo concebido socialmente errado ou desviante dos padrões. É por meio do conhecimento e reflexão com assuntos diversos que se conhecem as pluralidades e se exercita o respeito. Pois somente com a abordagem do assunto de gênero e orientação sexual, poderemos incluir essas diversidades e possibilitar pensar em estratégias que as contemplem e representem em sua formação escolar e cidadã de forma igualitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar o processo social e cultural é reconhecer as desigualdades existentes de gênero e sexual em suas esferas. Nesse sentido, com base nas análises realizadas, pode-se perceber que a temática gênero e diversidade sexual é um tocante que precisa está sendo discutido no espaço escolar, para sua promoção de direitos e desenvolver formas de combate a desigualdades desencadeada por um processo histórico e proporcionar analisar as relações sociais além de um modo binário entre homens, mulheres, heterossexual e homossexual.

Pode-se também verificar que essa temática ainda sofre com lacunas e falhas ao momento que se coloca como assuntos ausentes, transversais e não obrigatórias para serem desenvolvidas e discutidas em sala de aula e até mesmo ao não serem vistas com relevância nos espaços acadêmicos nas disciplinas que orientaram os educadores.

Neste sentido, a escola não é um ambiente isolado dos fatores que as rodeiam, mas reflexo de desigualdades que em muito momento comprometeu o rendimento, a permanência escolar dos sujeitos e até a qualidade de interação com os outros sujeitos naquele espaço que deveria ser de socialização.

Além disto, é recente discussões no espaço acadêmico sobre gênero e diversidade sexual, das quais suas pesquisas proporcionam grande relevância ao proporcionarem visibilidade a esses atores e suas interpretações sobre essas relações com a educação. Deste modo, faz-se relevante estar ampliando esses debates que denunciem a importância em conquistar políticas públicas, na qual sanem os fatores de desigualdades.

Sendo assim, pode-se notificar que este artigo foi de suma importância, na medida em que viabilizou um olhar para o gênero e diversidade sexual como elemento fundamental a ser trabalhado. Ampliando assim, nos espaços escolares e impulsionando também a análise crítica de pessoas que percebam a relevância científica e social de novas pesquisas, e políticas pedagógicas que desenvolvam estratégias a contemplar o ser diverso pela educação.

REFERÊNCIAS

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4 ed. São Paulo(SP): Atlas, 2002

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**, Vol.2: A Experiência Vivida, 2 edição. Tradução de Sergio Milliet, São Paulo (SP): Difusão Europeia do Livro, 1967.

BOURDIEU, Pierre. **Dominação Masculina**. 11 ed. Rio de Janeiro (RJ). Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. **Gênero e diversidade sexual na escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Brasília (DF) 2007

BRASIL. **Gênero e Diversidade na Escola: formação de professoras/es em Gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnicos raciais**. Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos, Rio de Janeiro, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar, Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira, 2003.

DINIS, Nilson Fernandes. Educação, Relações de Gênero e diversidade sexual. **Educ. Soc.**, Campinas, Vol 29, n. 103, p. 447-492, maio/ago. 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade do saber**. 13 edição. Rio de Janeiro (RJ): Edições Graal, 1992.

HALL, Stuart; SILVA, Tadeu Tomas (org); WOODWARD, Kathhryn. **Identidade e diferença**. Ed. Vozes. 2d. Petrópolis-RJ, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. v. 15, n .2, jul/dez 1995.

VIANNA, Cláudia Pereira. UMBERHAUM, Sandra. O gênero nas políticas públicas de educação no Brasil: 1988-2002. **Cadernos de Pesquisa**, V. 34, n. 121, p. 77-104, jan/abr. 2004